

Educação



“Meus primeiros brinquedos foram um dicionário e uma calculadora. Fui para a escola sabendo ler e escrever”
Felipe Vieira Costa Estudante medalhista de ouro na Obmep 2012

3,2 milhões

Foi o número de participantes da última Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro. Patrícia de Queiroga foi uma das medalhistas de ouro

OURO EM CORRIDA COM OBSTÁCULOS

Alunos de escolas reprovadas em avaliações do MEC se destacam em olimpíadas de Matemática e Português



Orgulho. Felipe Vieira Costa (o mais baixo, à direita de Dilma) na foto que depois ele recortou para simular que estava sozinho ao lado da presidente

DEMÉTRIO WEBER
demetrio@bsb.globo.com.br

BRASILIA Alunos de escolas públicas reprovadas em avaliações do Ministério da Educação (MEC) estão entre os ganhadores de medalhas de ouro em olimpíadas de Matemática e Língua Portuguesa. Diferentemente dos colégios onde estudam, eles driblam a pobreza, a baixa escolaridade dos pais e a má formação dos professores.

Em Sítio do Mato (BA), a 800 quilômetros de Salvador, o estudante Felipe Vieira Costa, de 13 anos, já conquistou três medalhas — uma de bronze e duas de ouro — na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep). Ele ficou em 32º lugar, entre cinco milhões de inscritos das séries finais do ensino fundamental, na edição 2012 — os 200 melhores ganham ouro.

O bom desempenho de Felipe contrasta com o da Escola Municipal Professor Avelino Nunes Rodrigues, onde estuda. Ela ocupa a posição 29.204, entre 30.842 estabelecimentos públicos, no mais recente ranking do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb 2011), principal indicador de qualidade do ensino brasileiro.

Na parábana Pombal, a 370 quilômetros da capital João Pessoa, a estudante Patrícia Vieira de Queiroga, de 16 anos, foi uma das 20 medalhistas de ouro na última Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro — que teve 3,2 milhões de participantes em todo o país. Ela venceu na categoria Artigo de Opinião.

Filha de um pedreiro analfabeto que só sabe assinar o próprio nome, Patrícia é aluna da Escola Estadual Monsenhor Vicente Freitas, que aparece na colocação 8.075, entre 10.076 colégios, no ranking de provas objetivas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem 2011).

O diretor adjunto do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (Impa), Claudio Landim, diz que a baixa qualidade do ensino brasileiro não estimula, e é insensível a mentes brilhantes.

— É evidente. Isso está acontecendo todo ano. Há muitos alunos brasileiros talentosos que não estão tendo a oportunidade de desenvolver suas aptidões — diz Landim, que é o coordenador-geral da Obmep.

Em Sítio do Mato, Quirino Sousa Costa, pai do medalhista Felipe, diz que o filho sempre teve habilidade com números e consegue superar as deficiências do ensino público na cidade. Em 2011, a escola onde Felipe estuda obteve seu melhor resultado no Ideb: 2,4. Abaixo, portanto, das médias gerais nacionais (4,1) e baiana (3,3).

— Ele aprende com facilidade, faz cálculos de cabeça, fora do normal. Se a



Redação de ouro. Patrícia e a professora Sandra Regina, que elogia o método do Cenpec

gente levar em consideração a escola, a bagunça, acho que é um dom — afirma Quirino.

Aos 37 anos, o pai conta que voltou para Sítio do Mato em 2008, depois de tentar a sorte na cidade de São Paulo, por mais de uma década. Foi na capital paulista que Felipe nasceu e estudou até a 3ª série, enquanto o pai trabalhava como vigilante, e a mãe — uma ex-professora primária —, como atendente de call center.

— Meus primeiros brinquedos foram um dicionário e uma calculadora. Fui para a escola sabendo ler e escrever — conta o garoto.

Ele fala em cursar Engenharia na universidade, de preferência na Noruega, com bolsa do programa Ciência sem Fronteiras.

— É um país desenvolvido e o primeiro no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano.

O êxito acadêmico de Felipe mobiliza a família. Quirino conta que uma tia que trabalhou como empregada doméstica em São Paulo chegou a enviar livros didáticos usados pelos filhos do patrão numa escola particular.

Em 27 de agosto do ano passado, a presidente Dilma Rousseff compareceu à premiação da Obmep de 2011 — nessa, Felipe também foi medalhista de ouro. Quirino lamenta não ter acompanhado o filho na cerimônia, no Teatro Municipal do Rio. Diz que faltou dinheiro. O garoto e outros vencedores tiraram fotos com Dilma. Felipe não con-

seguiu posar sozinho ao lado da presidente, mas deu um jeito: editou a imagem.

— Pedimos para cortar e ampliar, para colocarmos na sala — explica.

A foto de Felipe e Dilma está num porta-retrato.

Em Pombal, o artigo que garantiu a vitória de Patrícia, na Olimpíada de Língua Portuguesa, trata da derrubada da chaminé de uma antiga fábrica, motivo de acirrada polêmica na cidade.

— Foi incrível. Sempre gostei muito de ler, só que não tinha o hábito de escrever. Desenvolvi durante as aulas. A professora focou bastante nas olimpíadas. Pode parecer clichê, mas só escrevo bem quem lê. Eu indico isso: leitura acima de tudo. Meu pai está muito orgulhoso — diz Patrícia.

Antes de ser transferida para a Escola Monsenhor Vicente Freitas, ela foi aluna de outro colégio estadual no município, o João da Mata. A ex-escola não está listada no mais recente ranking do Enem. Mas o desempenho de suas turmas de ensino fundamental, no Ideb, dá uma ideia das dificuldades que o ex-colégio de Patrícia enfrenta. Em 2011, o João da Mata teve Ideb 2,3 nas séries finais do fundamental, resultado que o deixou na posição 29.581, num universo de 30.842 estabelecimentos públicos no país.

Patrícia terminará o ensino médio este ano. Ela quer ser médica:

— É um curso muito concorrido. Pelos menos na redação, eu me garanto. ●

Milhões de estudantes participam no Brasil

Competição de língua portuguesa tem foco na formação de professores

BRASILIA As olimpíadas de Matemática e Língua Portuguesa para escolas públicas ajudam a despertar talentos e melhorar a aprendizagem. Em comum, mobilizam milhões de estudantes, em mais de 5 mil municípios, e distribuem medalhas. Enquanto a competição de matemática identifica alunos com capacidade acima da média, a de português tem foco na formação de professores.

Sandra Regina de Oliveira Lúcio é formada em Letras e leciona há 23 anos, na cidade parabaiana de Pombal. Ela diz que sempre teve dificuldade para ensinar seus alunos a redigirem textos.

Em 2010, decidiu participar pela primeira vez da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro — cabe aos professores inscreverem suas turmas. Mas nem isso adiantou. Ela revela que ignorou as dicas sobre como estruturar as aulas, pois só queria que um de seus alunos ganhasse medalha.

No ano passado, porém, Sandra Regina leu com atenção o material pedagógico e dedicou parte do ano letivo a atividades de redação na Escola Estadual Monsenhor Vicente Freitas, que começou a funcionar com turmas em horário integral em 2012. O esforço deu resultado: a estudante Patrícia Vieira de Queiroga, do 2º ano do ensino médio, conquistou uma das cinco medalhas de ouro da categoria Artigo de Opinião. Aluna e professora foram premiadas, numa solenidade em Brasília.

A olimpíada de Língua Portuguesa é promovida pelo Ministério da Educação e pela Fundação Itaú Social. Sandra Regina é só elogios ao Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), entidade responsável pela coordenação técnica da competição:

— Ao longo da minha carreira como professora, eu não conseguia ensinar meus alunos a escrever. A partir da metodologia do Cenpec, comecei a compreender o caminho que o aluno deve percorrer. Não é corrigir o texto, dar nota baixa e deixar para lá. A gente vai orientando, respeitando o que o aluno conseguiu aprender e levando-o sempre mais para a frente.

Para ganhar o ouro, a estudante Patrícia escreveu e reescreveu diversas vezes um texto sob orientação da professora. Antes da etapa nacional, o artigo foi escolhido como o melhor da turma, da escola, do município e do estado. Na semifinal, Sandra Regina e a alu-

na foram a Belo Horizonte, onde a garota e os demais competidores redigiram um segundo artigo, longe dos respectivos professores, para comprovar que eram, de fato, os autores do primeiro texto.

A gerente da Fundação Itaú Social, Isabel Santana, afirma que as escolas progrediram à medida que os professores ingressam em novas edições da competição.

— A olimpíada melhora a formação do professor para ele ensinar independentemente da olimpíada. E nunca o aluno é premiado sozinho. É uma estratégia de mobilização. Quanto mais um professor participa, mais ele se apropria da metodologia — acrescenta.

Já a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep) consiste em duas provas: uma de múltipla escolha, com 20 questões, e outra com seis questões discursivas. Na primeira fase, 5% dos alunos com melhores resultados em cada estabelecimento avançam para a etapa derradeira. Participaram 46.728 colégios.

Os testes são aplicados no mesmo dia, em todo o país. Em 2012, 823 mil alunos chegaram

à segunda fase. A primeira teve 19,1 milhões de inscritos, mas a Obmep não sabe quantos exatamente compareceram. A estimativa é que a abstenção tenha ficado abaixo de 10%, o que resultaria num universo de mais de 17 milhões de estudantes.

— A prova é concebida para detectar alunos talentosos e não alunos que tenham uma boa formação em Matemática.

Não requerem conhecimento formal, mas capacidade de abstração e raciocínio. Dessa forma, tentamos possibilitar que alunos de escolas não tão boas possam competir em pé de igualdade — diz o coordenador-geral da Obmep, Claudio Landim, diretor adjunto do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa).

O Impa organiza a olimpíada, que é bancada pelos Ministérios da Educação e de Ciência, Tecnologia e Inovação. A edição do ano passado foi a oitava. No total, já foram selecionados 4.500 medalhistas do ensino fundamental e do médio, dos quais 500 conquistaram o ouro — 200 deles de turmas dos 8º e 9º anos do ensino fundamental. A entrega ocorrerá em 2013.

Os medalhistas têm direito a participar de um programa de iniciação científica, com aulas mensais. A Obmep também paga bolsas a medalhistas que, ao ingressarem na universidade em cursos que não o de Matemática, façam disciplinas nessa área do conhecimento. ●

(Demétrio Weber)